

Carrefour não quer sair do Brasil, diz CEO

Adriana Mattos

Varejo Sobre proposta de compra feita pelo Walmart, Lars Olofsson esclarece que não vai vender nem parte do negócio

O grupo Carrefour quer consolidar o processo de reestruturação do negócio no Brasil, comandado por um grupo de novos executivos formado no último ano. Nesse cenário, está descartada a hipótese de a varejista sair do país e vender a subsidiária brasileira, afirmou ontem o presidente mundial do Carrefour, Lars Olofsson, em visita ao Brasil.

O executivo falou ao Valor sobre a sua visão a respeito da origem dos rumores sobre o assunto. Inverteu o raciocínio e diz que, se alguém quiser vender algo, são eles que podem comprar. E fez um desabafo sobre a fase delicada que a empresa atravessou no país no último ano.

"Eu não estava satisfeito com o desempenho no Brasil, eu não estava feliz. Era preciso mudar. O Brasil precisava abraçar o novo projeto que o grupo Carrefour passou a ter para o mundo".

Nos dois dias em que estive em São Paulo, Olofsson reuniu-se com o comitê executivo da empresa e esteve por uma hora e meia em auditório na sede, na zona sul de São Paulo, conversando com funcionários, incluindo gerentes e diretores. Respondeu dúvidas sobre um possível interesse do Walmart na aquisição da operação brasileira. "É parte do meu trabalho avaliar todas as propostas que chegam à empresa", disse ele. "Mas não vamos vender nada, nem uma parte do negócio. Afinal, por que faria isso? Não precisamos de capital e temos um grande negócio nas mãos", disse ao Valor, pouco antes do encontro com jornalistas, em São Paulo.

Olofsson diz que não conversa sobre esse assunto com a rede americana desde 2009, quando surgiram comentários sobre interesse da rede em se desfazer de negócios em países emergentes. Há informações no mercado de que o Walmart contratou um grupo de advogados e o banco UBS para assessorá-lo nesse processo. Na semana passada, o Valor publicou que o Walmart só aceitaria hoje comprar 100% da rede Carrefour, e não quer uma fusão com os franceses. As conversas não avançaram.

Mas o Carrefour poderia vender lojas que têm sido fechadas, na esteira da reestruturação que vem sendo feita há um ano no Brasil, para o Walmart. Ontem Olofsson disse que pontos fechados podem ser negociados com competidores. E confirmou que continua a achar interessante a ideia de uma fusão no Brasil dentro de algumas condições. "Nós não precisamos nos fundir com ninguém [no país], mas se essa proposta chegar até nós e ela gerar valor para os acionistas, vamos analisar".

Em junho, Abilio Diniz, presidente do conselho do Grupo Pão de Açúcar (GPA), defendeu proposta de fusão com Carrefour. O Casino, sócio do GPA, foi contra o negócio. Desde então, o interesse do Walmart no Carrefour teria renascido.

Olofsson diz desconfiar da origem desses rumores. Fala da perda de valor do Carrefour, com a crise na Europa e com o esgotamento do velho modelo de hipermercados. Com isso, a rede francesa passou a ficar mais interessante aos olhos de concorrentes.

Na passagem pelo país, Olofsson comentou que não seria contra a ideia de ter Abilio Diniz no grupo de acionistas da cadeia francesa. "Ele [Diniz] é um ótimo profissional, só ganharíamos com Abilio lá", teria afirmado em uma conversa. Há informações no mercado de que, após o sócio Casino assumir o controle do Grupo Pão de Açúcar em 2012, Diniz poderia vender a sua participação no GPA e, com isso, comprar ações do Carrefour, tornando-se sócio da cadeia. Diniz não comenta.

Na conversa com o Valor, Olofsson ressaltou detalhes do projeto de fortalecimento da rede no país. Ele disse que a companhia cresceu 12% de janeiro a junho no Brasil. Aos jornalistas,

afirmou que o lucro operacional da rede cresceu 40% no primeiro semestre no país. "Até então, não estávamos crescendo rápido o bastante e não éramos tão lucrativos como poderíamos ser", disse. "Ao mesmo tempo que não íamos tão bem, nós descobrimos um problema contábil no Brasil no ano passado", disse. "Descobrir isso foi desapontador. Houve uma quebra de confiança ali. Era hora de mudar", conta.

"Quando eu tenho que passar a cuidar de problemas contábeis e deixo de ver estratégia, eu estou perdendo tempo". Em 2010, a rede apurou perdas de 550 milhões de euros na operação local por erros na contabilidade, ou pela "contabilidade criativa", como disse Olofsson.

Para o executivo, "o crescimento está de volta ao Brasil". O presidente do Carrefour no país, Luiz Fazio, não dá muitos detalhes a respeito das mudanças. Ele conta que seis hipermercados Carrefour estão sendo transformados em Atacadão (responsável por metade dos resultados na subsidiária), e que já foram reduzidos custos internos e despesas neste ano, em relação a 2010. Afirma que as lojas de hipermercados e supermercados estão sendo remodeladas, e algumas unidades começam a seguir ideias do formato de lojas Planet, existente na Europa, que conta com foco maior em serviços e investimentos no visual dos pontos.

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 17 ago. 2011, Empresas, p. B5.